

FOLHAS AO VENTO

terceira viagem

*Diálogo com Rainer Maria Rilke às voltas com dois dos Sonetos a Orfeu, e com um fragmento de uma das Elegias de Duino.
Diálogo com alguns outros poetas, homens e mulheres.*

Sonetos a Orfeu

12

*Deseja ser outro: transformar-se. Que a chama te entusiasme
Onde algo te escape e seja o sinal da raiz da transformação.
O espírito da criação, o mestre da Terra
No desejo da imagem ama, mais que tudo, o ponto da mudança.*

*O que está preso no que permanece já é da pedra e já é pedra,
Acaso se crê seguro, abrigado nas mãos de uma queda invisível?
Espera: a dureza mais densa e amarga adverte ao que dura
E, então, é aí que o martelo ausente ensaia o gesto e quebra.*

*Aquele que jorra como a fonte, o reconhecimento o acolha
E o guia feliz de ser através da criação pacificada
Ele, que como a fonte das origens se revê e recomeça a cada dia.*

*Todo lugar de ventura é filho ou filho da filha da ruptura
E é através dela que eles, perplexos, atravessam. E Dafne como raízes,
Como o loureiro, deseja que tu te transformes em vento.*

Sonetos a Orfeu

14

*Veja as flores e o ser tão fiel à terra
A quem damos um destino à beira do destino.
Mas, quem saberá? Quando elas pranteiam o morrer
Somos nós aqueles por quem elas choram?*

*Tua deseja voar. Com peso nos pés andamos no mundo.
Pesamos sobre tudo e com o pesar nos encantamos.
Ah! Que senhores da fartura não somos nós para tudo
Só porque há em tudo a fortuna de nossa distante infância.*

*Flores. Se alguém as quisesse para o silêncio do sono e nele dormisse
Profundamente, entre as coisas – como então amanheceria leve
E diferente num outro dia, ao chegar a uma tal profundidade do sentir*

*Ou talvez por lá ficasse. E as flores floresceriam de louvar
Aquele que se converteu e agora parece haver aprendido a ser
Como todas elas, as irmãs silenciosas dos ventos do prado.*

Fragmento da Elegia de Duino - nove

*Juizes, ah vós, de grandes togas de cor escura
Não vos vanglorieis da tortura esquecida agora,
e nem do não afastar mais os corpos com panos e atar a dor ao pescoço.
Nenhum coração algum dia foi mais grande apenas
porque um esgar de amor, um espasmo de doçura
nos desarma o corpo com maior suavidade.*

*O que foi conquistado no fluir do tempo, o cadafalso
trás outra vez à cena, tal como fazem as crianças com os brinquedos
ganhos na alegria do aniversário passado há sete dias.*

*A doçura chegaria diferente. Ela viria no poder
e lançaria trovões maiores para todos os lados
assim como são os deuses. Sabes? Os deuses...
Mais ainda do que um grande vento
sobre as velas dos grandes navios.*

*Não menos. Não menos do que a lua e a secreta intuição
Que nos conquista no íntimo, em silêncio
Como um filho de um amor sem fim, brincando no meio do silêncio.*

Paris, 8 de novembro de 2006

Hilda Doolittle

*Amei teu corpo, ele disse
e, "ah, esse sofrer, essa falta
e a mão afaga a pele de outra mão
e dói no rosto o sol
e dói no outono a minha dor
porque todo o fruto amarga o gosto
da boca sem teu beijo, amor".*

T. S. Eliot

*Rumo ao mar eu os vejo, cavalgando ondas
Penteando as suas longas crinas brancas e encrespadas
Quando o vôo do vento revolva
águas negras e águas brancas.
Nós dois no abandono ficamos
Nas mansões do mar, sua morada
Entre ondinas e véus de algas claras e cor de púrpura.
Até quando outras vozes de homens nos despertem
E, então, morreremos naufragados.*

*Tradução livre e criativa da penúltima página do
A canção de amor e morte de J. Alfred Prufrock
De T.S.*

